

HELENA CHAGAS



de Brasília

Quércia vai de Lula

• Imaginava-se que as pazes celebradas entre os ex-inimigos Orestes Quércia e Roberto Requião na convenção do PMDB tivessem derrubado o último baluarte. Mas não. Está para acontecer cena ainda mais impensável, que deve colocar Quércia e Luiz Inácio Lula da Silva lado a lado no mesmo palanque. O PMDBdoB, aquele liderado pelo deputado Paes de Andrade, reúne-se este mês em Belo Horizonte com Lula para fechar apoio ao PT.

A função seria em Ouro Preto, mas seus organizadores resolveram transferi-la para Belo Horizonte temendo que as férias escolares superlotem a cidade histórica e atrapalhem o ato. A programação prevê, primeiro, um grande comício, seguido de reunião dos dissidentes do PMDB com Lula.

Os peemedebistas que se recusaram a ficar com Fernando Henrique e acabaram por inviabilizar uma decisão formal do partido estão preparando um ritual para aderir à candidatura oposicionista. Passa por um documento com as linhas centrais de um programa de desenvolvimento para o país, a ser submetido aos petistas. Em tese, a aceitação dessas sugestões condicionará seu apoio. Só em tese, porque na verdade já está quase tudo acertado.

O acordo só não aconteceu ainda porque Quércia, que tem viva a lembrança das ofensas trocadas com o PT na política paulista, pediu um tempo. Não quer a operação rápida demais, dando a impressão de que estaria louco para aderir à campanha de Lula. Mas vai.

Como os líderes do grupo dissidente resolveram continuar marchando unidos, a solução para dar mais conforto ao ex-governador novamente candidato em São Paulo foi o documento. Empratará ares de acordo programático à articulação.

Paes de Andrade, candidato a senador pelo Ceará, bem que queria ficar com Ciro Gomes, favorito em seu estado. Mas a opção Lula é a preferida dos demais. Requião, que disputa o Governo do Paraná e está elaborando o programa, anunciou apoio ao petista antes mesmo da última convenção do PMDB.

Entre os caciques do partido que um dia defenderam a candidatura própria, uma defecção e uma dúvida. O ex-presidente José Sarney deu como cumpridas suas obrigações com o grupo depois da convenção. Pode não subir no palanque de FH nem pedir voto, mas defenderá a reeleição. Até pela filha Roseana no Maranhão.

A dúvida é a de sempre. A escolha do território mineiro como cenário do casamento expõe a nítida intenção de atrair o ex-presidente Itamar Franco, alvo do assédio dos petistas há pelo menos quatro meses. Mesmo tendo obtido a ajuda do PMDB governista ligado ao Palácio do Planalto para convencer o ex-governador Newton Cardoso a lhe ceder a legenda, Itamar continua conversando com o PT de Minas. E, como não está coligado nem com o PFL, que preferiu o

tucano Eduardo Azeredo, e nem com o PTB, até agora free lance na eleição mineira, sente-se livre, leve e solto para subir no palanque que quiser.

A adesão do PMDBdoB pode não representar, para Lula, aqueles votos que faltam para vencer a eleição de outubro. O poder de fogo do grupo é muitíssimo menor do que o da ala governista. Mesmo assim, vai oferecer palanques robustos em estados importantes. No Paraná, por exemplo, Requião é o concorrente mais forte do pefelista Jaime Lerner. E, embora o PT tenha Patrus Ananias em Minas, não seria nada mau para o candidato fincar um pé no palanque itamarista. Na Paraíba, o grupo do senador Ronaldo Cunha Lima, rompido com o Governo depois de perder a candidatura para o governador José Maranhão, também tem alta cotação.

Como toda moeda, essa do namoro de peemedebistas do B e petistas tem duas faces. O pragmatismo que Lula vem demonstrando ao costurar as composições em torno de sua terceira candidatura presidencial, ainda que à custa de sacrifícios internos, vem sendo até agora bem entendido por seu eleitor. É visto como sinal de amadurecimento e flexibilidade do PT, algo que ajuda a sepultar a velha imagem de radicalismo. Mas tudo tem seu limite. E haverá alianças difíceis de explicar para o candidato que tanto critica acordos do adversário. Lula e Quércia juntos, por exemplo.

Ao ampliar o leque de apoios à sua candidatura, Lula pode acabar caindo na armadilha que limitou a autonomia de voto de Fernando Henrique hoje a apenas nove estados, os únicos em que tem aliados unidos que pode visitar em campanha. Hoje, o candidato do PT tem palanque seguro em 18 estados. O acordo com o PMDBdoB poderá duplicar alguns deles, com todos os ônus e bônus que isso representa.

Seria preciso esforço para imaginar algo tão surrealista quanto ver Lula indeciso entre um compromisso de Quércia e outro de Marta Suplicy em São Paulo. Mas nunca é demais lembrar que o eleitor do PT costuma ser menos tolerante do que o de FH com alianças complicadas.

Pai dos peemedebistas de todas as alas, dos ex-peemedebistas e até dos tucanos, Ulysses Guimarães ensinou que política não se faz com o fígado. Sempre soube conciliar em nome de objetivos maiores. Mas que, mesmo ele, iria estranhar certas alianças que andam por aí, isso iria.